

Estratégias de difusão da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil - um estudo sobre o Seminário/Colégio Adventista de São Paulo

Andreia Martins¹

Resumo: Este texto objetiva apresentar o Seminário Adventista Brasileiro contextualizando-o como órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mantenedora da referida instituição educativa. Apresento e analiso a história da Igreja Adventista e seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América em meados do século XIX, localizando a Igreja Adventista no protestantismo histórico norte-americano, discutindo o movimento missionário iniciado pelos protestantes norte-americanos e a vinda destes missionários para o Brasil, com a abertura de igrejas e escolas. Problematizo a tardia vinda dos missionários adventistas e o início de sua missão em terras brasileiras, com a implantação de igrejas e escolas no Brasil. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, é hoje a maior rede de ensino confessional do mundo, e há poucos estudos sobre o referido sistema educacional, este trabalho se propõe a apresentar e analisar como se deu o início de suas atividades educacionais no Brasil.

Palavras-chave: história da educação, história do protestantismo brasileiro, educação adventista.

Propelling Strategies to The Seventh Day Adventist Church in Brazil - The construction of the Adventist Seminar/School in São Paulo

Abstract: This article aims at presenting the Brazilian Adventist Seminar contextualizing it as an organization from the 7th Day Adventist Church, entity that maintains the referred education institution. I present and analyze the history of Adventist Church and its development in the United States of America in 19th century, locating the Adventist Church in North American historic Protestantism as well as the arrival of such Adventist missionaries and the beginning of their mission in Brazilian lands, with the implantation of both churches and schools in Brazil. The 7th Day Adventist Church is today the largest organization of confessional education in the world and there are only a few studies about such educational system. So this work proposes to present and analyze how it happened the beginning of their educational activities in Brazil.

Key Words: Education History, Brazilian Protestantism History, Adventist Education

Recebido em 30/05/2014 - Aprovado em 20/08/2014

¹ Doutoranda em História da Educação pelo programa “Educação: História, Política e Sociedade” pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Mestrado em História da Educação e Historiografia, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho, coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré. Email: andreia.martins@uninove.br

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar o Seminário Adventista Brasileiro, contextualizado-o como órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mantenedora da referida instituição educativa. Para tanto, apresentarei a história da Igreja Adventista e seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América em meados do século XIX. Posteriormente, localizarei a Igreja Adventista no contexto do protestantismo histórico norte-americano, focalizando o movimento missionário iniciado pelos protestantes norte-americanos e a vinda desses missionários para o Brasil, com a abertura de igrejas e escolas. Em seguida problematizarei a chegada tardia dos missionários adventistas e o início de sua missão em terras brasileiras, com a implantação de igrejas e escolas no país.

Apresentação do Colégio

As primeiras atividades da instituição educativa, que é mote desta pesquisa, iniciaram-se no ano de 1915, com a compra de um terreno de 145 hectares nas proximidades da Vila de Santo Amaro, nas imediações da cidade de São Paulo. O Seminário Adventista foi fundado com o propósito de ser uma escola para formação de obreiros. Para Oliveira Filho (1972, p. 37) são denominados obreiros os membros adventistas batizados e assalariados pela igreja, para a qual trabalha em tempo integral, vinculando-se à organização adventista. Neste sentido, o obreiro trabalha para a “obra que é uma palavra entendida pelos adventistas de duas maneiras: a ordenação divina em que consiste na obra de pregação do evangelho, e a prática cristã que ensina ao mundo a verdade, tarefa de todos os adeptos”.

A elaboração e construção de uma pesquisa não seguem um caminho linear, há muitas idas e vindas durante todo processo. Isso também ocorre com este estudo porque a instituição pesquisada tem 91 anos de existência, e já passou por inúmeras mudanças. Atualmente é um centro universitário com três *campus*, que estão distribuídos entre a capital paulista e o interior do Estado de São Paulo, oferecendo vários cursos superiores.

Em 1915, seu primeiro ano de funcionamento, recebeu o nome de *Colégio Missionário da Conferência União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia*. Em 1918 passou a ser chamado de *Seminário da Conferência União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia*. Já em 1919 o colégio recebeu a denominação de *Seminário Adventista*. Em 1923 ocorreram novas mudanças, conforme transcrito neste Prospecto Anual:

Considerando que a denominação de “Seminário Adventista” tem dado lugar a equívocos por parte do público, devido a que o termo “Seminário” applica-se na acepção mais commum a uma escola destinada apenas ao curso sacerdotal, enquanto este instituto mantém além de um curso ministerial, outros cursos, admitte estudantes de ambos os sexos, a Junta Administrativa deliberou adoptar doravante para esta escola o nome de “COLLEGIO ADVENTISTA” (PROSPECTO ANNUAL DO COLLEGIO ADVENTISTA, 1923, p. 5).

Essa mudança ocorrida em 1923 - quando o seminário se apresentou como um colégio, oferecendo outros cursos, além do curso de preparação teológica e a formação de colportores² - apresentou pistas sobre as intencionalidades de seus administradores na busca de mais estudantes para a instituição. Neste intuito, não visava apenas pessoas que pretendessem ser obreiros, mas a juventude e outras pessoas interessadas em buscar uma educação embasada nos princípios doutrinários da Igreja Adventista.

Nos anos seguintes, outras mudanças continuam a ocorrer no interior da instituição: em 1940 voltou a ser denominado *Seminário Adventista*; em 1941 tornou-se novamente *Colégio Adventista*; e em 1942 sua nomenclatura passou a ser *Colégio Adventista Brasileiro*. Em 1961 o colégio deu início à implementação de cursos superiores (o primeiro será o curso de enfermagem) e nesse momento o colégio passou a ser conhecido como Instituto Adventista de Ensino, permanecendo com esta terminologia até o ano de 1999, quando por resolução do Ministério da Educação, conforme o Diário Oficial número 174 de 10/09/1999, passou a constituir-se o Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

Essas transformações que foram ocorrendo na instituição não demonstram ser apenas questões de arranjos e rearranjos internos, mas antes disso, refletem a busca por uma identidade, que se adaptasse à cultura escolar brasileira. Tais mudanças são internas, mas acontecem em decorrência de pressões externas como, por exemplo, a política de nacionalização de Getúlio Vargas. Com alterações provenientes da intenção de ser reconhecida interna e externamente para além de um colégio missionário, como se pode perceber essa é uma questão anunciada em seu primeiro Prospecto Anual:

A nossa escola propõe-se preparar moços de ambos os sexos que pela pratica tenham as faculdades exercitadas para observar e julgar com acerto, sendo modestos e cortezes para com todos, serviços e bondosos em todas as oportunidades, animosos e resolutos no avanço do trabalho da missão.

Contamos educar colportores aptos para difundir a verdade presente por meio de literatura. São elles os pioneiros da obra que, onde quer que a colportagem falhe, quasi nunca se caracteriza por uma prosperidade duradoura.

Contamos tambem educar obreiros bíblicos e pré-gadores que sejam idoneos para annunciar ao mundo a última mensagem em linguagem simples e com alma movida de sympathy.

Para os nossos meninos esperamos educar mestres-escola que nas escolas parochiaes apascentem os cordeiros do Senhor.

² Segundo a Enciclopédia Adventista (2001) o Colportor é um membro da igreja que regularmente vende livros denominacionais ao público de casa-em-casa. Ele é considerado um obreiro evangélico cujos esforços são coordenados com os do evangelista. Sua obra é sagrada e participa da obra do ministro, professor e vendedor. Indo diretamente aos lares de todas as classes de pessoas, ele mostra aos seus clientes o caminho da salvação e ora com eles, esperando que Deus os impressione para que leiam e estudem os livros que são deixados em seus lares. O colportor recebe uma comissão pela venda e também alguns auxílios financeiros se alcançar os alvos propostos, estabelecidos na praxe denominacional.

(COLLEGIO MISSIONÁRIO DA CONFERENCIA UNIÃO
BRAZILEIRA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 1916-
17, p. 4-5).

Em decorrência de todas essas modificações de nomenclatura do colégio, meu objetivo nesta pesquisa é realizar um estudo histórico sobre os primeiros anos do que hoje é o Centro Universitário Adventista. Nos momentos iniciais da construção do objeto de pesquisa, devido à profusão de nomes supracitados, muitas vezes parecia confusa a própria maneira de fazer referência à instituição. Então se faz necessário ressaltar que farei um estudo sobre a instituição no período de 1915 a 1937, e quando fizer referência ao colégio, utilizarei os nomes que a escola adotou no período pesquisado, alternado entre Colégio Adventista, Escola Missionária e Seminário Adventista.

Esse recorte histórico é uma tentativa de perceber como a instituição se organizou, qual foi seu processo de institucionalização durante esse período. No ano de 1915, quando foi construída, tinha a intenção clara de ser um colégio missionário, um seminário para a preparação de obreiros brasileiros que viessem pregar a fé adventista em todo o território nacional. Mas, com o tempo, passou a ser um colégio com os cursos primário, secundário e teológico. O recorte histórico parte da fundação, em 1915, e vai até o ano de 1937, por esse ser o ano em que ocorre a oficialização do ginásio de acordo com o que era estabelecido pela legislação brasileira. Com isso, os cursos oferecidos pelo colégio deixaram de ser livres e passaram a ser oficiais.

Igreja Adventista

Para se discutir a educação adventista, é preciso antes localizar a Igreja Adventista do Sétimo Dia³, instituição religiosa mantenedora da referida escola. A IASD teve origem no “segundo advento”, movimento de pessoas que acreditavam na segunda volta de Cristo à terra para libertar a humanidade de seus pecados no início do século XIX. Embora muitos pregadores tenham proclamado a breve vinda de Cristo, na Europa e em outras partes do mundo a crença produziu maior impacto na América do Norte. Foi fundamental para o começo do Adventismo norte-americano a ação de um leigo batista chamado Guilherme Miller.

O referencial bibliográfico sobre a história do adventismo é em sua maioria escrito e publicado pela própria igreja. Os autores que se dedicaram a escrever sobre a história da IASD professam a religião são autores denominacionais. Isso não ocorre apenas com a IASD, como Mendonça enfatiza em seu artigo “Protestantismo no Brasil, apontamentos sobre sua contribuição para a cultura brasileira”:

Todas as denominações têm publicado suas histórias, no todo ou de modo parcelado, e na pena de bons escritores. Contudo, essas publicações têm padecido de três tipos de obstáculo que as vêm impedindo de penetrar no círculo dos historiadores profissionais:

³ A sigla IASD fará referência à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

primeiro, trazem, quase todas, as marcas do denominacionalismo triunfalista, assim como linguagem hermética de grupo porque são escritas para consumo interno; segundo, porque não dialogam com a cultura brasileira; terceiro, porque são publicadas por editoras domésticas e, por isso, não alcançam as áreas acadêmicas (MENDONÇA, 2004, p. 3, mimeo).

Elder Hosokawa, historiador e mestre em história social pela Universidade de São Paulo, aponta que:

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o adventismo foram realizados nos Estados Unidos a partir de 1930, por professores que lecionavam em colégios adventistas disciplinas na área de humanidades e precisavam obter titulação para o credenciamento de suas instituições secundárias e superiores na área médica. Austrália e Europa também concentraram estudos sobre a IASD (HOSOKAWA, 2001, p. 12).

A preocupação com a memória da igreja foi tardia, o que pode estar relacionado com a “eminência da segunda vinda”, pois, como a igreja se considerava portadora e mensageira dos últimos dias, não era necessário organizar “arquivos” e “memórias”, afinal o mundo estava vivenciando seus derradeiros momentos.

Sobre o início do adventismo nos Estados Unidos, pode-se destacar o historiador George R. Knight, autor denominacional que escreveu vários livros e artigos que vão desde o movimento iniciado por Guilherme Miller; a biografia da principal fundadora da Igreja Adventista, Ellen Golden White; e a educação adventista. Knight é um autor denominacional e professor do programa de doutorado da *Andrews University*, Michigan. Outros professores dessa universidade também se dedicaram à história da igreja. Em relação à história da igreja, em seus primórdios, o material referenciado nesta pesquisa corresponde a livros e artigos escritos por Knight e os livros de Ellen Gould White, a que tive acesso.

Ellen Gould White, seu marido Tiago White, e José Bates são os principais fundadores do adventismo. Essa autora é considerada uma profetiza e, segundo a igreja, seus livros foram escritos após visões. Os primeiros encaminhamentos institucionais da denominação foram esclarecidos após suas visões. “Os estudos sobre Ellen Gould White foram marcados pela polarização, de um lado a produção adventista, por outro seus críticos contundentes que subtraíram muito do seu carisma religioso e sensibilidade espiritual, enfatizando a influência da cultura norte-americana em seu pensamento e produção literária” (HOSOKAWA, 2001, p. 12).

Outra questão a ser enfatizada é que grande parte dos estudos denominacionais sobre a história da Igreja Adventista foi realizada nos EUA, portanto não é possível ainda a consulta em língua portuguesa. Nos EUA estão concentrados os “melhores estudos” sobre os adventistas e suas doutrinas, isso talvez porque nesse país também estão as fontes e os relatórios mundiais, arquivados nos centros de documentações da IASD.

A história da Igreja Adventista teve início com um homem chamado Guilherme Miller, que nasceu em um lar cristão, mas abandonou suas convicções religiosas no início do século XIX pelo deísmo - crença céptica que rejeita o cristianismo com seus milagres e a revelação sobrenatural – que defende a idéia de um Deus distante, um Deus que não participa ativamente nos negócios terrenos. As crenças deístas tornaram-se populares tanto na Europa como na América do Norte durante a última metade do século XVIII, mas as atrocidades e excessos da Revolução Francesa na década de 1790 levaram muitos a duvidar de que a razão humana fosse base suficiente para a vida civilizada. O resultado disso foi o abandono generalizado do deísmo e o retorno de muitas pessoas ao cristianismo, durante as duas primeiras décadas do século XIX (KNIGHT, 2000).

Nos Estados Unidos, esse reavivamento ficou conhecido como “Segundo Grande Despertamento”⁴. Guilherme Miller fez parte do grupo que voltou a acreditar na Bíblia durante o despertar. Seu ceticismo havia durado até a guerra de 1812⁵. Em consequência da violência e das mortes causadas pela guerra, Miller começou a reavaliar sua vida pessoal e o sentido da existência como um todo. Começou assim a dedicar-se a um estudo sistemático da Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, comparando versículo por versículo, capítulo por capítulo, como ele próprio afirma:

comecei com Gênesis, e li verso por verso, não me acelerando muito para que o significado das diversas passagens se tornasse bastante claro, de modo que me poupasse de constrangimentos, sempre que eu encontrava algo obscuro, minha atitude era compará-la com todas as passagens colaterais; e com a ajuda de CRUDEN [concordância bíblica escrita por este autor], eu examinava todos os textos da escritura nos quais encontrava palavras importantes presentes em qualquer trecho obscuro. Depois, deixando que cada palavra tivesse seu devido significado no assunto do texto, se meu ponto de vista tivesse seu devido significado no assunto do texto, se meu ponto de vista, sobre ele se harmonizasse com as passagens colaterais na Bíblia, ele deixava de ser uma dificuldade.

⁴ O primeiro grande despertar ocorreu nos EUA entre as décadas de 1730 e 1740, começou a unificar a religiosidade das Treze Colônias, um movimento de restauração do protestantismo, ou na linguagem teológica um avivamento. O movimento iniciou-se com o pastor Jonathan Edwards, de Massachusetts, que desejava o retorno das raízes calvinistas dos peregrinos e reacordar na sociedade americana que estava em desenvolvimento o “medo de Deus”. Este movimento contou com a participação e apoio dos irmãos Jonh e Charles Wesley. Disponível em: <http:pt.wikipedia.org>.

⁵ A guerra de 1812 foi declarada pela nação norte-americana ao Reino Unido por causa dos constantes ataques sofridos pelos navios mercantes americanos e as interferências feitas pela Inglaterra diante do comércio internacional norte-americano. A guerra terminou oficialmente em 8 de janeiro de 1815, com a vitória dos EUA. Isso fez com que crescesse um forte sentimento de nacionalismo no país, pois haviam acabado de vencer a maior potência militar do mundo. O “Tratado de Ghent”, estabelecido no final da guerra entre os dois países, fazia com que os britânicos se comprometessem a parar os ataques contra os navios mercantes americanos, o que deu início a um período de paz e fortalecimento da economia norte-americana.

Depois de dois anos de dedicação ao estudo das escrituras (1816-1818), Miller chegou à conclusão de que vinte e cinco anos a partir daquela data, o que seria por volta de 1843, Cristo voltaria à terra. Miller chegou a essa conclusão pelo estudo das profecias do livro de Daniel, especialmente de Daniel 8:14 até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.

(...) Tomando por base a compreensão comumente aceita de Números 14:34 e Ezequiel 4:5 e 6 de que um dia em profecia equivale a um ano, Miller calculou que a profecia dos 2.300 dias chegaria a seu termo em 1843. Ao interpretar o santuário de Daniel 8:14 como sendo a Terra e a purificação deste como a purgação final da terra pelo fogo, Miller raciocinou que Cristo voltaria à terra no fim dos 2.300 dias, a saber por volta de 1843 (KNIGHT, 2000, p. 11).

A conclusão de Guilherme Miller situava-se na contra-mão de todo o pensamento da época em que as igrejas pregavam que Cristo voltaria no início do milênio, por isso o estudioso tinha muito medo de apresentar para o público suas “descobertas” bíblicas. Por causa desse temor, dedicou-se por mais cinco anos, de 1818 a 1823, a examinar a Bíblia. Após esse tempo maior de dedicação, tornou-se mais convicto em relação à volta de Cristo por volta de 1843. Assim, começou a pregar aos seus vizinhos e amigos, mas poucas pessoas davam crédito à sua fala. Miller continuou ainda por mais nove anos a estudar a Bíblia, durante os anos de 1823 a 1832, ficando cada vez mais convicto de que precisava compartilhar o que havia descoberto sobre o juízo final. Segundo o pesquisador, vinha sempre em sua mente a necessidade de “advertir o mundo do perigo que ele corre (...) Fiz tudo quanto pude para fugir da convicção de que devia fazer alguma coisa” (KNIGHT, 2000, p. 12).

Sua primeira apresentação sobre “o segundo advento” conduziu a várias conversões. A partir de então Miller recebeu uma série ininterrupta de convites para presidir reuniões em igrejas de diversas denominações. Perto do fim da década de 1830, Miller, que é chamado pelos autores denominacionais de “profeta relutante”, havia conquistado vários ministros para o ponto de vista defendido por ele, de que Cristo viria por volta de 1843. O mais importante desses ministros convertidos foi Josué V. Himes, da Conexão Cristã.

Himes era um pastor da Capela de Chardon Street, em Boston. Além de ser um pastor eminente, era um reconhecido líder do movimento interdenominacional. Miller foi convidado por Himes para realizar conferências em sua igreja, após ter ouvido sua mensagem. A respeito do segundo advento, Himes tornou-se o principal propagador de que Cristo voltaria em torno de 1843.

Não satisfeito em pregar a mensagem Millerita apenas por meio das páginas impressas, Himes “iniciou a primeira Associação Geral dos Cristãos que esperavam o Advento para outubro de 1840. Essa Associação Geral, sediada em Boston, conseguiu influenciar na formação de, pelo menos, mais outras 15 associações, além das

Associações mileritas locais” (KNIGHT, 2000, p. 14). O Pastor Himes desenvolveu outras atividades entre o verão de 1842 e o outono de 1844. Foram mais de 130 reuniões campais. Knight comenta que o número de pessoas que assistiram às reuniões foi maior que meio milhão de pessoas (aproximadamente um em cada 35 americanos). Para acomodar as pessoas nessas reuniões eram utilizadas tendas gigantes, com capacidade para 4 mil assentos. Estas tendas de reuniões foram as maiores vistas até aquele momento nos EUA.

Esse movimento iniciado por Guilherme Miller, e tendo como grande defensor e divulgador Josué Himes, não ocorreu de maneira linear e sem conflitos para os crentes protestantes da época. As convicções Mileritas de que a volta de Cristo ocorreria por volta de 1843 não condiziam com o ensino geral e a crença dos outros protestantes, que acreditavam na volta de Cristo para depois do milênio. As pregações mileritas trouxeram discussões sérias no interior das outras denominações e, aos poucos, as pessoas que passaram a crer em Guilherme Miller foram sendo expulsas de suas igrejas. Outra questão preocupante para Miller era em relação à data exata da volta de Cristo:

A princípio Miller relutara em ser demasiado específico a respeito do tempo exato da volta de Cristo. Sua mensagem enfatizava “em torno do ano de 1843”. Mas até janeiro de 1843 ele havia chegado a uma conclusão, com base na profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14 e no calendário judaico, de que Cristo voltaria em algum momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. (KNIGHT, 2000, p. 17).

Os meios de publicações mileritas começaram a divulgar essa data com grande estardalhaço, mas chegou a data divulgada, e Cristo não veio e isso causou uma grande decepção para Guilherme Miller e seus seguidores.

Apesar de estarem muito desapontados, os líderes do movimento continuaram a estudar a Bíblia para encontrar um motivo que esclarecesse a causa, o porquê do Cristo, que eles tanto aguardavam, não ter vindo. Em uma reunião campal, um pastor milerita chamado S. S. Snow demonstrou que havia aplicado diversos cálculos matemáticos e chegado à conclusão de que a data exata para o retorno de Jesus à terra seria em 22 de outubro de 1844. Isso seria dois meses após a reunião campal. Essa nova data foi logo espalhada e o movimento voltou a ter esperanças. Com a esperança de que o final do mundo estava bem próximo, e convictos de tal verdade, essas pessoas não tomaram nenhuma providência em relação ao futuro, deixaram safras por colher, fecharam lojas e demitiram-se de seus empregos. Enfim, para elas as preocupações mundanas não faziam mais sentido, pois Jesus estava voltando. Mas isso não aconteceu.

Depois do que é denominado segundo “grande desapontamento”, muitas pessoas desanimaram de vez em relação à fé milerita, ficaram envergonhados e voltaram

para suas antigas igrejas. Outras formaram novos grupos religiosos e dentre esses vários movimentos surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia⁶.

Hosokawa (2001) relata que entre 1844 e 1866, seis denominações resultaram dos três ramos do milerismo. O grupo *Adventista de Albany* gerou quatro dessas denominações: *Associação Evangélica Americana*, em 1858; os *Adventistas Cristãos*, em 1860; *A Igreja de Deus*, em Oregon, Illinois, nos anos 50 e a *União Vida e Advento*, em 1863. O movimento sabatista derivou duas denominações: *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, entre 1861 e 1863; e *Igreja de Deus do Sétimo Dia*, em 1866.

Em 1863 foi concluído o processo de organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com o estabelecimento de sua Associação geral em Battle Creek, Michigan, nos Estados Unidos. A recém formada igreja possuía aproximadamente 3.500 membros e cerca de 30 ministros. A forma de administração Adventista do Sétimo Dia apresenta características de vários sistemas – particularmente o Congregacional, com ênfase na autoridade da igreja local; o presbiteriano, que adota o sistema de administração através de representantes eleitos, e, em alguns aspectos, o metodista que mantém associações como unidades organizacionais nas quais ministros são nomeados para assumir igrejas locais.

Em muitos aspectos os adventistas desenvolveram-se como uma típica seita americana do século XIX marcada pelo milenarismo, biblicismo, restauracionismo e legalismo. Sua ênfase no velho testamento, sua imagem de “pessoas escolhidas”, a valorização do sábado e sua sensação de destino cósmico, indicam a influência do puritanismo do século XVIII, ao mesmo tempo em que a preocupação da IASD para com a liberdade religiosa e a adoção de reformas médicas e educacionais revelaram ser um produto religioso antes da Guerra Civil. Os adventistas, porém, durante seus primeiros anos de existência, ressaltaram seu *não conformismo* embora mantivessem muitos pontos semelhantes com o protestantismo norte americano do século XIX. (ELIADE, M. A *Eyclopedia of Religion*. New York: Macmillan Company, 1987. v. 13, p. 180) Neste trabalho insiro a IASD, dentro do protestantismo histórico norte-americano⁷, sendo a última denominação nos Estados Unidos a inserir-se no protestantismo histórico. Essa é uma discussão polêmica dentro dos estudos protestantes, pois muitos caracterizam os adventistas como seita, outros como pentecostal, protestante ou paraprotestante, como afirma Hosokawa:

⁶Para saber mais sobre os movimentos e grupos religiosos decorrentes do movimento milerita, e detalhes dos caminhos percorridos pelos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia ler: KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*. Tatuf: CPB, 2000.

⁷ Esta localização vem ao encontro das idéias da Professora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, que em seu curso de pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - “São Paulo na transição Império República: Escolas Americanas de Confissão Protestante” - defende a IASD como a mais nova denominação dentro do protestantismo histórico norte-americano.

(...) os Adventistas do Sétimo Dia (ASD) são estudados entre os Mórmons e Testemunhas de Jeová, esses três grupos são classificados como pseudoprotestante. O sufixo pseudo denota intransigência por parte desses autores críticos. A classificação desses três movimentos religiosos se deu mais em função da procedência e época em que surgiram, isto é, América do Norte, na primeira metade do século XIX, do que por afinidades teológicas entre si. (HOSOKAWA, 2001, p. 52)

Hosokawa ressalta, ainda, que diversos estudos realizados por católicos, protestantes e pentecostais do Instituto Cristão de Pesquisas em São Paulo referem-se aos adventistas como uma seita. Mas, segundo o autor, os Adventistas do Sétimo Dia (ASD) se caracterizam por um forte espírito denominacional. Portanto, parece mais adequado nomeá-los igrejas não conformistas ou paraprotestantes.

Essa é uma discussão bem antiga que tem suas raízes nos Estados Unidos.

em 1956, nos Estados Unidos houve uma grande polêmica no meio protestante, levantada pela revista Eternity. Walter Martin, reconhecido estudioso de seitas e cultos foi incumbido pelo editor daquela revista de investigar o adventismo. Quatro anos depois publicava suas conclusões afirmando serem os Adventistas do Sétimo dia uma igreja cristã, constituindo-se num importante, embora controvertido, segmento do protestantismo norte americano (HOSOKAWA, 2001, p. 52)

O meu objetivo não é discutir tais concepções e limites para as nomenclaturas existentes no campo religioso. Discuto, neste trabalho, o sistema educacional pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, localizando tal instituição dentro do protestantismo histórico norte-americano. Tal escolha se justifica por sua história, concepções e princípios doutrinários que serão problematizados ao longo deste trabalho⁸.

Protestantismo Brasileiro

A presença dos protestantes no Brasil até meados de século XIX “estava restrita a estrangeiros europeus, constituindo-se em comunidades fechadas, onde se prestava assistência religiosa a grupos de imigrantes, a maioria suíços e alemães” (CHAMON, 2005, p.50). Esse movimento era chamado de protestantismo de migração, ou mesmo protestantismo de colônia, e teve entrada em terras brasileiras a partir de 1808, com a vinda da Família Real e com os tratados estabelecidos, que abriam o país às nações amigas. “No tratado de Comércio e Amizade, assinado em 1810, a Inglaterra exigiu liberdade de culto para seus súditos que se instalassem no Brasil. A concessão portuguesa veio acompanhada da proibição a esses protestantes de pregar contra a religião católica e de fazer proselitismo entre os brasileiros” (CHAMON, 2005, p. 50). Esse grupo de

⁸ Para saber mais sobre o adventismo e sua localização dentro do protestantismo norte-americano: Hosokawa, 2001.

protestantes, que era formado por anglicanos e luteranos, não fez nenhum tipo de atividade missionária e não buscou adeptos para sua fé em terras brasileiras.

Outras questões que devem ser levadas em consideração para que esse protestantismo ficasse restrito em comunidades fechadas eram as limitações impostas pela lei. A constituição de 1824, no artigo 5º, afirma que os não-católicos eram proibidos de se manifestar publicamente, fazer proselitismo ou construir templos. A Igreja Católica era a religião oficial do Estado. Maria Lúcia Barbanti (1977, p. 85) aponta ainda que os protestantes “não podiam sepultar seus mortos nos cemitérios, todos eles católicos. Além disso, a lei só reconhecia os batizados e casamentos católicos, os cargos políticos eram reservados para os que professassem a fé romana”.

Nas primeiras décadas do século XIX, o Brasil recebeu também visitas de norte-americanos, distribuidores de Bíblias. Pode-se destacar o metodista Foutain Pitts e Spauling na década de 30. Recebeu também agentes da Sociedade Bíblica Americana Daniel Kidder e James Fletcher. Kidder era um ministro metodista e morou no Brasil entre os anos de 1837 a 1840. Fez viagem pelo Brasil distribuindo Bíblias, dando também assistência religiosa aos marinheiros ingleses na capital brasileira. Suas viagens pelo Brasil ficaram registradas em seu livro “Reminiscência de Viagem e Permanência no Brasil”, de 1845. O missionário presbiteriano James Fletcher chegou ao Brasil em 1851, atuou em comunidades de imigrantes e trabalhou como capelão no porto da cidade do Rio de Janeiro. Fletcher teve boas relações com políticos brasileiros e com sua atuação ajudou a “divulgar uma imagem positiva dos Estados Unidos e da religião protestante entre alguns setores dirigentes” (CHAMON, 2005, p. 51).

Segundo Leonard (1963), Barbanti (1977) e Vieira (1980), nesse período não foi registrada nenhuma conversão para a religião protestante, mas com a vinda destes missionários norte-americanos teve início a divulgação de cultos protestantes no Brasil. Sua vinda favoreceu também para que nos Estados Unidos começasse a circular a imagem do Brasil como uma terra fértil para a evangelização.

Na tentativa de entender a ação missionária da Igreja Adventista, no Brasil, apresentei tal experiência dentro do contexto das características missionárias protestantes norte-americanas. Não pretendi relatar minuciosamente a história do protestantismo brasileiro, uma vez que temos vários estudos clássicos que discorrem sobre tal assunto. Destacarei a seguir alguns autores que pesquisaram e pesquisam o protestantismo histórico de origem norte-americana.

Segundo Vieira (1980), a literatura sobre o Protestantismo no Brasil, no século XIX, tende a ser quase exclusivamente institucional e demasiadamente preocupada com assuntos eclesiásticos. O autor destaca algumas obras que são clássicas na história do protestantismo brasileiro: “Religiões Acatólicas” de José Carlos Rodrigues (1904); “O Protestantismo Brasileiro” do Professor Èmile-Guillaume Léonard (1963); “A cultura dos Alemães no Brasil” de Emílio Willems (1964); “Católicos, Protestantes, Espíritas” foi elaborado por uma comissão de estudos sob a orientação de Cândido P. F. Camargo (1973).

Outra referência é a tese de pós-graduação em Sociologia de Boanerges Ribeiro (1981) intitulada: “Protestantismo no Brasil Monárquico”. Não posso deixar de destacar

deste autor a obra: “Protestantismo e Cultura Brasileira, aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil” (1981). Neste trabalho, o autor faz um estudo sobre o campo de ação presbiteriana, desde seu princípio como missão até a implantação do colégio Internacional de Campinas.

Fernando de Azevedo em suas obras: “A Cultura Brasileira” (1943) e “Educação e Educadores” (1953) faz menção aos educadores protestantes e suas atividades proselitistas no Brasil.

O protestantismo de missão tem início de maneira sistemática no Brasil a partir das décadas de 1850/1860, tendo como objetivo divulgar entre os brasileiros a fé reformada. Esses missionários protestantes tinham em quase sua totalidade origem norte-americana e pertenciam às Igrejas Congregacionais, Presbiterianas, Metodistas e Batistas. Mendonça (1984) destaca que desde o início do século XIX, as igrejas protestantes norte-americanas estavam vivenciando vários movimentos de reavivamento espiritual, e estes reavivamentos tinham como ênfase a necessidade de converter os pagãos para abreviar a vinda e instalação do reino de Deus na terra. Esse momento chegou a ser denominado de “segundo grande reavivamento”, dele brotando o Movimento Milerita que deu origem aos Adventistas do Sétimo Dia, como foi apresentado anteriormente.

O reavivamento espiritual dos protestantes norte-americanos e a necessidade da divulgação do evangelho “salvador” deu origem a várias agências missionárias estrangeiras, “cujo objetivo era levar o protestantismo aos países da África, América Latina e também ao oriente. Uma das primeiras agências missionárias foi a Junta das Missões Estrangeiras de Nova York, organizada pelos presbiterianos do Norte em 1837”. (MENDONÇA, 1984, p.55)

Chamon (2005) destaca que a organização dessas agências norte-americanas coincidiu com a discussão, no Brasil, a respeito da utilização da mão-de-obra de países protestantes e com algumas transformações no campo jurídico brasileiro. Tais mudanças fizeram com que aos poucos houvesse uma maior tolerância às religiões que não eram oficiais. Entre essas mudanças destaca o “sepultamento de acatólicos, em lugar separado, nos cemitérios públicos”, e o “registro de óbito feito pelo escrivão do juízo de paz” (BARBANTI, 1977, p.84-85). Com o passar do tempo foi havendo uma abertura da sociedade brasileira em relação às religiões reformadas.

Estas mudanças ocorreram também por haver no Brasil algumas pessoas que defendiam a idéia de que havia uma “correspondência entre religião protestante, liberalismo e progresso” (CHAMON, 2005, p.53). Dentre essas pessoas pode-se destacar Aureliano Tavares Bastos (1839-1975), importante pensador brasileiro do século XIX, jornalista, advogado e por três vezes deputado geral por Alagoas. Tavares Bastos era um político liberal e fez muita propaganda do sistema de ensino norte-americano na Corte carioca, “protestantismo era sinônimo de desenvolvimento econômico e científico, sendo representado tanto pelos modernos empreendimentos industriais, como pelo sistema de educação pública” (CHAMON, 2005, p.53).

A primeira igreja a se instalar na cidade do Rio de Janeiro foi a Igreja Congregacional, que é considerada a primeira Igreja Protestante brasileira, e seus serviços religiosos eram celebrados em língua portuguesa. A Igreja Congregacional foi organizada

pelo médico missionário escocês Robert Kalley. Em seguida veio o reverendo Ashbel Green Simonton, missionário enviado pela Igreja Presbiteriana do Norte em 1859. Este foi o primeiro missionário a realizar cultos públicos no Brasil, e em 1862 organizou a primeira Igreja Presbiteriana na Corte. Em 1876 os metodistas se instalaram oficialmente no país com a fundação da Igreja Metodista do Rio de Janeiro. Segundo Mendonça (1984, p. 23), houve duas iniciativas metodistas anteriores, uma em 1835 e outra em 1871, ambas na cidade do Rio de Janeiro, no entanto essas iniciativas não tiveram sucesso. Os batistas fundaram o seu primeiro templo na província de Santa Bárbara em 1871. (LÉONARD, 1963; BARBANTI, 1977; VIEIRA, 1980; MENDONÇA, 1984).

Jether Pereira Ramalho, em seu livro “Prática Educativa e Sociedade, um estudo de Sociologia da Educação” (1976), desenvolve um estudo da prática educativa protestante e afirma que:

A chegada do protestantismo está, portanto muito ligada às condições favoráveis do contexto histórico. É de notar, entretanto, que não somente se abrem possibilidades para esse sistema religioso, outras correntes de pensamento encontram campo também para se estabelecerem. Aproximadamente no período de um século, depois de 300 anos de predomínio quase absoluto do catolicismo, instalam-se no Brasil movimentos como a maçonaria (1801) e o positivismo (1881, como igreja); o anglicanismo (1835); ramos protestantes, como o luterano (1823), metodista (1882), episcopal (1890); religiões científicas, como o espiritismo (1865) e o esoterismo (1909), segundo relaciona Waldo César. Acrescenta-se, ainda, os pentecostais que chegaram em 1910 (RAMALHO, 1976, p. 53).

O que se pode perceber com este histórico sobre o protestantismo norte-americano é que no momento em que as igrejas protestantes já estavam no movimento de expansão missionária, a Igreja Adventista estava se institucionalizando, concluindo seu processo de organização que é datado de 1863. Suas atividades missionárias foram introduzidas no Brasil bem mais tarde, em 1893, quando tem início a obra missionária dos ASD⁹ em terras brasileiras.

Igreja Adventista no Brasil

A história da chegada do adventismo no Brasil também é contada por autores denominacionais. A preocupação com a memória da igreja e de seus pioneiros teve início por volta de 1970, conforme ilustram estes relatos:

⁹ A sigla ASD fará referência a Adventistas do Sétimo Dia.

os primeiros estudos sobre o adventismo e Ellen Gould White começaram nos anos de 1970 e enveredaram-se pelas linhas sociológica e pedagógica. Em 1971, após um contundente artigo na Revista Adventista (RA), sobre o risco da igreja não preservar os relatos dos pioneiros brasileiros, a Casa Publicadora Brasileira (CPB), abriu espaço para uma série de relatos de líderes denominacionais ainda vivos naquela época. Durante a década de 1980, várias biografias foram publicadas, predominando memórias de professores e estudantes do Colégio Adventistas Brasileiro (CAB). (HOSOKAWA, 2001, p. 14)

Alguns estudos de autores denominacionais que realizei em busca de entender como se configurou a chegada dos ASD no Brasil e seus primeiros anos em terras brasileiras foram: “A chegada do adventismo ao Brasil” (2000), do jornalista Michelson Borges, neste livro o autor faz um relato sobre a história da igreja desde o grande desapontamento, sua institucionalização na América do Norte em 1863 e o início da mensagem no Brasil, caracterizando-se como uma obra denominacional, com forte tom apologético.

Pode-se enfatizar também os livros de Vieira “Centenário da Educação Adventista no Brasil 1896-1996. Destacando a contribuição de um pioneiro” (1996) e “Vida e Obra de Guilherme Stein Jr.: Raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil” (1995), nestas obras o autor discorre sobre os anos iniciais da educação e da imprensa adventista no país e a consolidação das mesmas, dando ênfase à vida de Guilherme Stein Júnior, avô do autor, que foi o primeiro converso batizado pela IASD no Brasil. Outro livro sobre os primeiros anos de atividade da igreja no país é “A colportagem Adventista no Brasil: breve histórico” (2000), organizado pelo Centro Nacional da Memória Adventista; este livro narra os anos iniciais da igreja através da obra colportagem.

Alguns estudos acadêmicos que se pode destacar são: a tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo por Oliveira Filho (1972); “A obra e a mensagem: representações simbólicas e organização burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia”; a dissertação de mestrado de Edegard Silva Pereira, defendida em 1988 na Universidade Metodista de São Bernardo-SP, “Governo eclesiástico: a burocracia representativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia”; e de Haller Schunemann a tese de doutorado intitulada “O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil”, defendida pela Universidade Metodista de São Bernardo em 2002.

A história da IASD no Brasil, narrada em seus livros denominacionais, afirma que o adventismo brasileiro teve início na Vila de Brusque, em uma comunidade camponesa no Vale do Itajaí-Mirim, província de Santa Catarina, no final do século XIX. Essa comunidade era formada por imigrantes vindos da Alemanha.

Essa história tem início na Vila de Brusque com uma briga entre dois jovens. No entanto, Borges (2001) não retrata em seu livro “*A Chegada do Adventismo ao Brasil*” o nome dos dois personagens, apenas relata o nome de Borchardt, que estava brigando

com outro homem e nesse combate ele acaba matando-o. Borchardt, com medo da polícia e de que fosse preso por causa de seu crime, passa por sua casa onde morava com seu padrasto, Carlos Dreefke, e não encontrando ninguém, pois naquele momento provavelmente estavam todos na roça ou no engenho, junta seus pertences, um pouco de comida e parte para o porto de Itajaí, uma distância de 40 quilômetros.

Chegando ao porto, entra no primeiro navio que vê e se esconde para que pudesse fugir do Brasil. Depois de algum tempo, quando o navio já estava longe do Vale do Itajaí, o capitão do navio encontra Borchardt dormindo entre algumas caixas; quando indagado, o jovem explica sua situação ao capitão. Este o alimenta e, sem alternativas, obriga-o a trabalhar para pagar sua passagem. Com o tempo de viagem já terminando, um dia Borchardt é procurado por dois missionários adventistas que lhe perguntam se em sua região no Brasil há protestantes; Borchardt conta que seu padrasto é luterano, dá o endereço para os missionários que começam a enviar literatura adventista para o senhor Carlos Dreefke, padrasto de Borchard.

A Igreja Adventista tinha a prática de enviar livros e revistas editados e publicados por ela para diversas partes do mundo, como nos informa Ruy Carlos de Camargo Vieira:

eram remetidos os livros, por terra ou pelo mar, às diferentes partes do país e do mundo. Para chegar ao seu destino, muitos eram despachados nos navios oceânicos, outros nos barcos fluviais a vapor, ou mesmo a remos, outros ainda em carros de boi, em lombo de burro, e às vezes em algum trecho nas costas do colportor (VIEIRA, 1996, p. 133-134).

A literatura religiosa enviada pelos adventistas deu início ao primeiro grupo de guardadores do sábado no Brasil, organizado por Guilherme Belz, que logo após se convencer das doutrinas adventistas começou a espalhar para outras pessoas sua nova religião, entre elas: Augusto Olm e Frederico Schirmer. Esse novo grupo de seguidores se reunia e todos ficavam lendo as revistas e livros enviados pelo correio e estudando a Bíblia durante horas e até noites inteiras. Mas esse grupo não era visto com bons olhos por outros moradores da região que eram luteranos e achavam que este era mais um grupo que surgia, que eram pessoas estranhas e estavam formando uma nova seita.

Educação Protestante

Para abordar a implementação e o desenvolvimento do Seminário Adventista no Brasil é necessário mencionar antes as primeiras iniciativas educacionais dos protestantes norte-americanos no Brasil, pois, para eles, a educação é um meio direto de conversão de novos fiéis e manutenção de seus membros. Nesse sentido, após a chegada do protestantismo no Brasil e a implementação das primeiras igrejas, outra preocupação foi com a educação. Para a instalação e perpetuação do protestantismo no país era fundamental a instalação de escolas, primeiramente escolas paroquiais, que são pequenas

salas de aula, que muitas vezes funcionam na igreja mesmo; para ensinar aos filhos dos membros das igrejas a ler, escrever e cantar alguns hinos. Como sinaliza Ramalho:

O programa educativo é uma das primeiras e mais importantes expressões da obra missionária. A natureza e a profundidade das mudanças que se quer introduzir na sociedade não condizem com o analfabetismo dos convertidos, nem com a pouca instrução reinante. É necessário que o protestante seja capaz de, pelo menos, ler a Bíblia e certa literatura religiosa, e a comunidade global deve valorizar e expandir a educação, considerada a mola principal de ascensão social (RAMALHO, 1976, p. 69).

Destacarei agora um dos primeiros estudos em História da Educação, realizado pela professora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, sobre as escolas protestantes. A pesquisa datada de 1977 foi sua dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, intitulada: “Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: Um estudo de suas origens”. Esse trabalho possibilitou o entendimento de como se deu a implantação das escolas protestantes no Estado de São Paulo, analisado a partir das Igrejas Presbiteriana, Metodista e Batista. Nesse sentido, a autora aponta as primeiras igrejas e escolas fundadas pelos Protestantes Americanos, na Província de São Paulo (Quadro1).

Quadro 1: Primeiras igrejas e escolas fundadas pelos Protestantes Americanos, na Província de São Paulo

Igrejas	Escolas
Presbiteriana - (norte): São Paulo (1863), Brotas (1865), Lorena (1868), Sorocaba (1869)	Escola Americana (1870) Escola da Missão (1871) Escola Presbiteriana (1873)
Presbiteriana – (Sul): Campinas (1870), Santa Bárbara (1870)	Internacional (1869)
Metodista – Santa Bárbara (1871), Piracicaba (1881)	Colégio Piracicabano (1881) Extensão da escola das irmãs Newman (1879)
Batista – Santa Bárbara (1871), São Paulo (1899)	Colégio Batista Brasileiro (1902) transformação do “Colégio Progresso Brasileiro” (1884).

Fonte: Barbanti (1977, p. 106)

Maria Lúcia Barbanti (1977) traz explicações, como foi exposto no Quadro 1, que as Igrejas Protestantes começaram sua ação no Estado de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX, em 1863, com a instalação da Igreja Presbiteriana do norte na cidade de São Paulo, em seguida Brotas (1865) e Sorocaba (1869). Já a Igreja Presbiteriana do Sul tem sua ação missionária iniciada na cidade de Campinas e em Santa Bárbara, em 1870. Os metodistas inauguram seu primeiro templo na cidade de Santa Bárbara, em 1871 e em Piracicaba dez anos depois, em 1881. A Igreja Batista iniciou também suas ações missionárias na cidade de Santa Bárbara, em 1871 e São Paulo, em 1899.

Já o início da implementação de colégios é bem curioso, pois o primeiro colégio, como é percebido no Quadro 1, é o Colégio Internacional (1869), fundado na cidade de Campinas, uma próspera cidade do interior da província de São Paulo. O colégio pertencente à denominação Presbiteriana do Sul tem seu primeiro templo inaugurado em 1870, isto é, aproximadamente um ano após o colégio ter iniciado suas atividades educativas. As demais denominações a construir colégios foram: Presbiteriana do Norte: Escola Americana (1870); Escola de Missão (1871); Escola Presbiteriana (1973); Metodista: Colégio Piracicabanno (1881) e Extensão da escola das irmãs Newman (1879), a Igreja Batista que tem suas atividades educacionais iniciadas em 1902 com o Colégio Batista Brasileiro. Outros estudiosos que desenvolveram estudos sobre instituições e práticas escolares de iniciativas protestantes, e que merecem destaque são: Peri Mesquita (1994), que realiza uma discussão sobre as práticas educativas metodistas no Brasil; Shirley Laguna (1999), com a Escola Americana de São Paulo; Geysa Abreu (2003), com a Escola Americana de Curitiba; Estér Nascimento (2004) apresenta uma discussão sobre a influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia. Em seu trabalho, problematiza as maneiras como os protestantes estabelecem seus planos de ação após compreenderem a maneira de viver ou como ela chama o *modus vivendi* do brasileiro. A partir daí constroem uma estratégia de ação onde a educação é um forte veículo para a propagação e consolidação de seus princípios doutrinários. É importante destacar também o livro “Ide por todo mundo... a província de São Paulo como campo de missão presbiteriano (1869-1892)”, em que Marcus Levy Albino Bencostta (1996) procura compreender a prática educacional-religiosa protestante intermediada por um conjunto de fontes históricas a respeito da presença presbiteriana em São Paulo, no intuito de reiterar uma compreensão sob uma perspectiva histórica da prática e da tradição protestante e sua intermediação com o discurso modernizador-civilizador da elite intelectual brasileira do século XIX.

Há alguns estudos que destacam também intelectuais e educadores brasileiros que eram simpatizantes, mas não adeptos do protestantismo e que mostraram grande interesse nas práticas educativas protestantes. Esses intelectuais foram importantes na divulgação e inserção no campo educacional brasileiro das práticas pedagógicas norte-americanas. Pode-se destacar a tese de doutorado de Maria Lúcia Hilsdorf (1986), sobre Rangel Pestana; os estudos de Gisele Gonçalves (2002), sobre Caetano de Campos; além das pesquisas de Mirian Warde, sobre Oscar Thompsom (2002) e Lourenço Filho (2003).

Warde (2003, p. 156) enfatiza que a presença e a atuação de missionários norte-americanos em São Paulo colaboraram de maneira considerável “para que as práticas culturais norte-americanas ganhassem não só visibilidade, mas dessem provas empíricas das condutas educadas dos homens e mulheres norte-americanos”.

Educação Adventista

O esforço realizado até o momento, com a leitura de trabalhos que se dedicaram a estudar a formação e o desenvolvimento da IASD, a historiografia do protestantismo histórico norte-americano, e a influência da educação protestante em nosso país é uma forma de tentar entender onde se encaixa e como se encaixa a Igreja Adventista e seus princípios educacionais no Brasil. Com o objetivo de estudar a ação educacional adventista a partir da implantação de seu Seminário em São Paulo destacarei abaixo alguns estudos que se dedicaram à análise da educação adventista.

O livro “A educação adventista no Brasil, uma história de aventuras e milagres” (2004, organizado pelo pastor Alberto R Timm), reúne vários artigos de pastores e educadores denominacionais destacando a ação ASD desde o início das suas atividades educacionais nos Estados Unidos da América e suas influências educacionais dentro do contexto histórico norte-americano, a dinâmica da expansão educacional da igreja, o ensino adventista de nível fundamental, médio e superior. Destaca também a história dos livros didáticos adventistas no Brasil.

Em 2005, Peri Mesquita publicou na Revista COGEME o artigo “Educação protestante de origem norte-americana na comunidade alemã de Curitiba no final do século XIX: Ellen White, a língua alemã e a Escola Internacional”. Nesse estudo o autor problematiza a fundação do Colégio Internacional de Curitiba, considerado a primeira instituição educacional da igreja, fundamentado nos princípios educacionais descritos por Ellen White. O artigo questiona o fato de a IASD optar por iniciar sua ação educacional no Sul do Brasil, com as aulas ministradas na língua alemã. Guilherme Sten Júnior, primeiro adventista batizado no Brasil, foi chamado para dirigir a intuição. Este artigo adquire grande importância nesta pesquisa, pois me auxilia na compreensão de Ellen White como educadora adventista que, ao compor sua obra, representa um “espírito de época”, fundamentando toda a filosofia educacional da igreja.

No artigo “O desenvolvimento das escolas paroquiais adventistas no Brasil” Schunemann (2005) analisa como se deu o início e a necessidade de construir escolas paroquiais nos EUA, e as iniciativas de instalar escolas paroquiais no Brasil e seu desenvolvimento até os dias atuais. Como destaca o autor, “esse estímulo deveu-se a um testemunho de Ellen White, no qual ela insistia que as crianças adventistas não deveriam ser enviadas a ambientes escolares em que não seguissem os princípios bíblicos e que deveriam assumir a tarefa de educar as crianças em escolas” (SCHUNEMANN, 2005, *online*). Este trabalho foi fundamental para entender como aconteceu o início da educação adventista no Brasil e qual a função das escolas paroquiais distribuídas pelo país na sustentação de alunos para os colégios internos brasileiros que só recebiam no internato alunos no ensino ginásial e complementar.

Outras pesquisas que tiveram como objeto de investigação a educação ASD foram realizados no programa de pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política – Walting (1979) “Metodologia da educação religiosa adventista: identidade e realidade”; Cunha (1975) “Contribuições da educação adventista no Brasil” e Lamberth (1985) “Ellen Gould White: educadora do século dezenove com ênfase sobre suas considerações na área da disciplina escolar”.

Marcos Silva (2001), em sua tese de doutorado, apresenta um estudo sobre a “Pedagogia Adventista, modernidade e pós-modernidade”. Sua pesquisa é realizada na área de filosofia da educação e busca “analisar como a pedagogia adventista se posiciona ante a dominante cultura contemporânea, a modernidade e seu corolário, a pós-modernidade”. O autor tem como hipótese central de seu trabalho que a pedagogia de inspiração bíblico-cristã está passando por um processo de atualização, no qual se esforça por não perder a essência de sua identidade. Essa é, portanto, uma pedagogia em formação, cujos principais desafios são, por um lado, uma definição metodológico-didática que ainda não foi alcançada, e, por outro, a sua refontalização cristã no sentido de se converter em uma práxis contracultural, ante a injunção do tempo atual. Silva desenvolve um estudo do pensamento educacional adventista, destacando o predomínio intelectual norte-americano sobre a igreja em consequência de seu sistema educacional, tendo como referência os processos ocorridos nos Estados Unidos no momento da formação e consolidação da igreja.

Elder Hosokawa (2001), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, escreveu a dissertação: “Da colina Rumo ao Mar: Colégio Adventista Brasileiro em Santo Amaro (1915-1947)”. O autor pesquisa aspectos sobre a ação educacional do Colégio Adventista Brasileiro, e tem como recorte histórico o ano de sua fundação, 1915, até o ano de 1947, ano que termina o mandato do primeiro diretor brasileiro pastor e professor Domingos Peixoto da Silva, que foi diplomado na primeira turma de formandos da instituição, em 1922.

Este último autor insere sua pesquisa em um contexto regional e nacional, começando seu estudo com a história da igreja desde o início do século XIX, com o movimento do “segundo grande despertar” norte-americano, o movimento de Guilherme Miller, a organização da IASD. Destaca Ellen Gould White e o desenvolvimento da educação adventista, a expansão missionária e a chegada do adventismo no Brasil, escreve também sobre o adventismo em Santo Amaro e em São Paulo e as contribuições do colégio para o Estado de São Paulo e para o Brasil na formação de obreiros. Este trabalho traz uma rica documentação sobre a história do adventismo no Brasil; Hosokawa faz um grande levantamento documental sobre a igreja e o Colégio. Apontando que:

Até o início do século XX, o adventismo cresceu rapidamente nos estados de maior presença imigrante alemã na região sul, no Espírito Santo e em Minas Gerais. No estado de São Paulo manteve-se sua presença praticamente inalterada no interior, sem praticamente mostrar crescimento de membros nos primeiros

anos do século XX, permanecendo praticamente como estava em 1895.

O direcionamento da pregação ASD a partir de 1906, para os estados “do norte”, “entre os brasileiros”, “nas grandes cidades” do Rio de Janeiro e São Paulo, impulsionou membros e líderes denominacionais a implantarem uma frente pioneira baseada nas imediações de São Paulo, no município de Santo Amaro, mais especificamente nas colinas do Capão Redondo, a partir de 1915, transformando essa região num espaço com marcante importância para o adventismo no estado, no país e no mundo (HOSOKAWA, 2001, p. 64).

Além disso, destaco que o autor desenvolve sua pesquisa na perspectiva da História Social, e insere o colégio em um contexto mais abrangente, social e econômico, organizando a história da igreja e, a partir disso visualiza suas práticas educacionais. O que difere minha abordagem daquela realizada por Hosokawa é a maneira de olhar a instituição, ou seja, foquei o colégio, traçando sua história institucional, analisando-a a partir de documentos produzidos pelos diretores do Seminário no período de 1915 a 1937, em um trabalho que se situa na perspectiva da História da Educação. Por este aspecto, mantereí constante diálogo com o referido autor durante este trabalho.

Como mencionado anteriormente, grande parte das pesquisas, monografias, dissertações e teses que consultei foi escrita por pesquisadores denominacionais. Em alguns casos só tive acesso ao trabalho e não posso dizer com precisão se são ou não escritores que professam a fé adventista. Alguns dos autores destacados até o momento que professam e são professores de centros universitários adventistas são: Marcos Silva (2001), Elder Hosokawa (2001) e Haller Schunemann (2002; 2005). Silva, na conclusão de seu trabalho realiza um apontamento referente às dificuldades de um intelectual da igreja na realização de pesquisas que têm como foco a própria instituição:

Como em qualquer instituição total, alguns na Igreja Adventista sentem-se incomodados com a crítica histórica. O pensamento deles é que depois da Igreja investir para preparar “Intelectuais” eles se voltam contra a mesma para criticá-la. No entanto, aqueles que têm compromisso com a educação cristã adventista não podem olvidar o escrutínio da história, pois as consequências para quem evita o exame crítico de sua práxis é a estagnação e a incoerência. (SILVA, 2001, p. 166).

São Paulo: O Estado Escolhido

No final de 1913 chegaram a Santo Amaro os primeiros missionários teuto-americanos da IASD. Nessa época o município contava com cerca de 10 mil habitantes e a cidade de São Paulo perto dos 400 mil. Eram onze missionários adventistas, entre norte-americanos e alemães. Esses missionários foram atraídos pelo Dr. John Lipke que, como será apresentado mais adiante, foi o primeiro diretor do Seminário Adventista. O

Dr. John Lipke era norte-americano e mudou-se para Santo Amaro para evangelizar os santamarenses descendentes de alemães:

Sob a liderança do Dr. Lipke, superintendente da Missão Paulista e Frederick W. Spies, da União Brasileira, os missionários recém-chegados ajudaram a organizar, durante o mês de janeiro de 1914, uma série de reuniões administrativas da IASD no Brasil. O ponto alto desse encontro foi a realização de uma terceira bienal da União Brasileira e um curso intensivo para colportores, que distribuíam literatura religiosa. Afluíram de todas as partes do Brasil, 65 líderes, obreiros e cerca de 500 espectadores locais.

Para atingir a população santamarense, Dr. Lipke e seus auxiliares aproveitaram a grande tenda armada, para uma série de palestras, envolvendo temas religiosos e de saúde. Entre os que se batizaram no dia 16 de maio de 1914 estavam membros de tradicionais famílias da cidade: Klein, Teisen, Branco, Moraes e Araújo. Várias igrejas evangélicas haviam tentado se instalar anteriormente, mas suas casas de culto alugadas foram apedrejadas e seus proprietários ameaçados por liderança local. (HOSOKAWA, 2005, p. 01, mimeo)

Este trabalho iniciado pelos obreiros adventista em 1913 no município de Santo Amaro teve como primeiro resultado visível a inauguração de uma igreja em janeiro de 1915, como é descrito pela Revista Mensal:

Domingo, 17 de janeiro, foi inaugurado o pequeno templo de Santo Amaro. A igreja de Santo Amaro, que conta 25 membros, se constituiu desde a última Conferência União celebrada naquela localidade. Embora o tempo actual não favorecesse muito uma empreza qual a da construcção de um templo, por isso que muitos irmãos não estavam em condições de contribuir para esse fim com aquilo que desejavam, recaindo assim maiores encargos sobre os hombros de alguns poucos, os irmãos santamarenses conseguiram comtudo construir uma das mais bellas casas de oração que temos no Brazil.

A reunião de inauguração foi bastante concorrida. Alem de um bom numero de pessoas estranhas dessa localidade, compareceram tambem irmãos de S. Bernardo e de S. Paulo, produzindo a solenidade da festa uma impressão profunda em todos os presentes.

O irmão Lipke descreveu em traços rapidos a nossa obra em todo o mundo, remontando aos seus principios e esboçando o seu desenvolvimento, dando depois a palavra ao relator dessas linhas, que produziu o discurso inaugurai seguido de oração.

Permita Deus que esta casa, bem como todos aqueles que de sabbado em sabbado a ella concorrem para adorar o Senhor, se façam uma verdadeira luz, cuja claridade allumie o caminho de muitas almas errantes conduzindo-as ao ponto da eterna paz. F. W. S. (REVISTA MENSAL, março, 1915, p. 10).

Esse artigo é assinado por Frederick W. Spies, que naquele momento era o presidente da União Brasileira dos ASD. A inauguração do primeiro templo adventista na cidade de Santo Amaro foi o resultado de um investimento iniciado no final de 1913, conforme apresentado anteriormente. A obra adventista estava sendo desenvolvida em outras localidades como também é destacado no artigo da Revista Mensal de 1915:

estamos presentemente trabalhando com duas tendas, uma no Rio e outra na cidade de São Paulo, nas quaes é annunciada a verdade para o presente tempo. A tenda no Rio é frequentada por cerca de 150 pessoas, a de S. Paulo, que está erigida num bairro bastante populoso, por cerca de quatrocentas pessoas, que no meio do maior silencio escutam com respeito e attenção (REVISTA MENSAL, março, 1915, p.12).

Dentre os novos conversos adventistas estava Pantaleão Teisen, neto dos primeiros imigrantes alemães que aportaram na cidade de Santos no dia 13 de dezembro de 1827. Estes imigrantes foram transportados pela embarcação holandesa “Maria”; o senhor Teisen recebeu como herança do sogro, José Antonio Mariano, terras no Capão Redondo (HOSOKAWA, 2005). Sabendo dos planos da IASD em estabelecer uma escola missionária no Brasil, a família Teisen procurou os adventistas e propôs a venda do terreno por 20 contos de réis e os adventistas compraram a propriedade da família Teisen. O casal John e Augusta Boehn fez um empréstimo à Igreja Adventista que depois se transformou em doação no valor de seis mil dólares. Essa doação quitou o valor da propriedade e a venda foi registrada no cartório de Santo Amaro no dia 28 de abril de 1915.

Os membros da Igreja Adventista no Brasil nesse ano somavam 2.197. A Associação do Rio Grande do Sul era ainda onde se concentrava o maior número de conversos, cerca de 700 membros e a Missão Paulista 300 membros (HOSOKAWA, 2005).

Para apresentar e analisar o início das atividades educacionais adventistas no Estado de São Paulo, destaco os investimentos realizados por outras denominações protestantes anteriormente no estado e na cidade de São Paulo, o que pode ter facilitado a aceitação dos adventistas na cidade e no estado.

Inicialmente, os investimentos na área educacional, feitos pela Igreja Adventista, não aconteceram de maneira linear e planejada para o Estado de São Paulo. E para ser mais abrangente, não aconteceram de uma maneira prioritária desde a constituição e organização da igreja. A área educacional não foi inicialmente uma preocupação para os ASD; a educação formal, com o estabelecimento de escolas e colégios foi o último

desenvolvimento institucional da denominação. A obra educacional foi precedida pelo estabelecimento de uma forte obra de publicações em 1849, por uma organização eclesiástica centralizada em 1863, e pela obra médica em 1866. A IASD só estabeleceu sua primeira escola em 1872 e por volta de 1900 ainda não tinha um sistema de escolarização elementar difundido.

No Brasil, as escolas e colégios adventistas chegaram praticamente junto com a inauguração das igrejas. Em 1896, em Curitiba, começou a funcionar o Colégio Internacional de Curitiba, sob a direção de Guilherme Stein Júnior. Peri Mesquita, no artigo “Educação protestante de origem norte-americana na comunidade alemã de Curitiba no final do século XIX: Ellen White, a língua alemã e a Escola Internacional” (2005), faz alguns apontamentos sobre a história da imigração alemã para a região Sul do Brasil e da implementação de uma Escola Americana que ministrava aulas em alemão, em uma comunidade alemã na cidade de Curitiba. Um questionamento levantado pelo pesquisador é: “Quais os fatores que levaram ao significativo aumento das matrículas no Colégio Internacional (de cinco, de início para cento e vinte e seis em seis meses de funcionamento)?” O autor busca essa resposta em fatores político e sócio-culturais da época. O Colégio Internacional - primeira iniciativa educacional adventista - segundo a literatura Adventista, não foi construído pela igreja. Foi uma iniciativa particular do Pastor Huldreich Von Graf, vindo de Hamburgo, Alemanha. A escola foi fundada em 1º e junho de 1896. Para trabalhar na direção foi convidado Guilherme Stein Junior, primeira pessoa batizada pela IASD no Brasil.

O Colégio Internacional de Curitiba, em seus primeiros oito anos de existência, chegou à matrícula anual superior a 400 alunos; equipado com projetores de dispositivos e microscópios, entre outros recursos didáticos. As atividades educacionais do professor Stein eram muito intensas: no período da manhã ministrava aulas em alemão e à tarde em português, e depois de um tempo passou a haver aulas no período noturno também.

Guilherme Stein estava ainda envolvido nos trabalhos em Curitiba, quando surgiu o convite para ele e sua esposa irem a Gaspar Alto, Santa Catarina, fundar uma escola paroquial em Brusque. “E assim ele e sua esposa deixaram Curitiba e 1º de setembro de 1897, em direção a Gaspar Alto, para lá estabelecer a primeira escola missionária adventista do Brasil” (VIEIRA, 1995, p. 150).

A escola de Gaspar Alto representa, realmente, a primeira iniciativa da igreja, pois o Colégio Internacional foi uma iniciativa particular. Voltando à escola missionária de Gaspar Alto: ela foi construída com o objetivo de preparar obreiros para atender à demanda do país, e muitos dos estudantes que ali passaram tornaram-se personagens importantes da história da Igreja Adventista no país. A primeira turma formou-se em 1901. Nessa época Guilherme já não estava mais lá. Em menos de três anos de trabalho na direção da escola, Stein foi chamado para assumir, no Rio de Janeiro, a edição da primeira revista denominacional a ser impressa no Brasil e em português.

No final do ano de 1899 a esposa de Augusto Brack foi substituída por John Lipke na direção da escola. John Lipke chegou ao Brasil em 1897 e foi muito importante na obra educacional e na obra de publicações da igreja. Indo para São Paulo como

missionário, instalou-se no município de Santo Amaro; seu papel foi fundamental no desenvolvimento do Seminário Adventista:

Seu nome original era Johannes Rudolf Berthold Lipke, tendo nascido em Berlim e estudado por um pouco de tempo nos Estados Unidos, preparando-se para o trabalho evangelístico que posteriormente veio desenvolver no Brasil, onde permaneceu até falecer em 1943 (VIEIRA, 1995, p. 156).

Em 1903 a Escola Missionária de Gaspar Alto foi transferida para Taquari, Rio Grande do Sul; nessa época tinha como diretor e professor Emílio Schenk. Segundo a literatura adventista, por questões de dificuldade de acesso e distância das regiões mais centrais e desenvolvidas do país, o Colégio foi fechado e transferido para o Estado de São Paulo, dando início assim ao Seminário Adventista ou “Collegio Missionário da Conferência União Brasileira”.

A transferência dos investimentos da igreja para o Estado de São Paulo foi uma busca de centralizar as ações da organização Adventista, para uma região mais desenvolvida e com melhores meios de transportes para a vinda dos estudantes, pois a instituição tinha a intenção de abranger o maior espaço possível do território nacional. A Associação Geral demorou cerca de onze anos para estabelecer uma nova escola missionária. A princípio, pensaram em estabelecer um colégio em Minas Gerais, Rio de Janeiro ou São Paulo. Quando foram enviados missionários para sondar o Estado de Minas, foi percebido que este era um estado muito católico e seria difícil a construção de uma escola por lá. No Rio de Janeiro perceberam algumas dificuldades, também em relação à aceitação da população à fé adventista. Ressalto que não encontrei nenhum documento que deixasse claro o motivo da escolha do Estado de São Paulo para o estabelecimento da escola de missão. Em conversas com pessoas que estudaram na instituição na década de trinta e quarenta, as respostas são sempre relacionadas com a questão do desenvolvimento social e econômico da cidade no princípio do século XX, questões que favoreciam o desenvolvimento, tais como o transporte, a localização e o desenvolvimento econômico do estado.

No momento em que a organização adventista estava à procura de um lugar para abrigar seu colégio de missão, o Estado de São Paulo encontrava-se em plena efervescência política, cultural e social. No campo político estava vivenciando a “política café com leite”, momento em que os paulistas e mineiros se alternam na presidência da república, essa é uma política controlada pelas oligarquias agrárias que dura até o ano de 1930. Quando Getúlio Vargas chega à Presidência da República.

Estavam em projeto de construção grandes ferrovias que puxariam a expansão da cafeicultura, atraía imigrantes e permitia a colonização de novas áreas; enquanto nas cidades a industrialização avançava, criavam-se novos contornos urbanos e abria-se espaço para novas classes sociais, o operariado e a classe média. Nesse momento se construía aos poucos uma novidade, como a substituição do lampião a gás pela luz elétrica, que ocorreu em 1900, com a inauguração da Light, uma empresa canadense que

até 1970 foi a principal empresa de energia elétrica no estado. Cresciam também as linhas de bondes elétricos. Eram construídas na capital grandes obras urbanas, com destaque para o Viaduto do Chá e a Avenida Paulista.

Esse é um período em que São Paulo vai perdendo as feições de província e assume uma dinâmica economia; com isso todo o estado paulista se transforma. Santos, Jundiaí, Itu, Campinas e diversas outras vilas passam a conviver com o apito das fábricas e uma nova classe operária.

O Estado de São Paulo em pura transformação, em pleno movimento de progresso, tem como reflexo a cidade de São Paulo. Esse desenvolvimento pode ser visto pela ocupação dos espaços urbanos e a formação de um parque industrial paulistano. O Brás e a Lapa transformam-se em bairros operários por excelência, onde se concentram as indústrias próximas aos trilhos da estrada de ferro inglesa, nas várzeas alagadiças dos rios Tamanduatey e Tietê. A região do Bexiga foi ocupada, sobretudo, por imigrantes italianos. A Avenida Paulista e as ruas adjacentes foram se transformando em áreas arborizadas, elevadas e arejadas, pelos palacetes dos grandes cafeicultores (BRUNO, 1984).

O século XX traz para a cidade várias manifestações do desenvolvimento econômico, cultural e artístico, como sinônimo de progresso. Trens, bondes, eletricidade, telefone, automóvel, a cidade cresce e recebe muitos melhoramentos urbanos como calçamento, praças, viadutos, parques e os primeiros arranha-céus. Em 1911 foi construído o Teatro Municipal, obra do arquiteto Ramos de Azevedo.

A industrialização se acelera após a primeira grande Guerra. Na década de 1920, a industrialização ganha novo impulso. A cidade cresce (em 1920 São Paulo tinha 580 mil habitantes) e o café sofre mais uma crise. Em 1922, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Luís Aranha, entre outros intelectuais e artistas, iniciam um movimento cultural, que assimilava as técnicas artísticas modernas internacionais, apresentadas na célebre Semana de Arte Moderna.

Ao apresentar de maneira resumida como estava o desenvolvimento do Estado e da Cidade de São Paulo no período da construção do Seminário Adventista, minha tentativa é a de mostrar um lugar em plena efervescência, nos âmbitos sociais, econômicos e culturais, o que teve grande influência na escolha dos líderes adventistas ao buscar o estado para reiniciar seus investimentos educacionais. Parece-me existir outro aspecto importante sobre esse desenvolvimento socioeconômico para a migração dos investimentos da igreja para o estado, como exemplo a já próspera aceitação das “Escolas Americanas de Confissão Protestante” nesse estado.

Ao caracterizar o início do adventismo no Brasil constato que São Paulo sempre foi um ponto estratégico para a igreja. Como exemplo, a chegada do primeiro colportor ao Brasil é datada de maio de 1893, este colportor foi Alberto B. Stauffer, e é o primeiro missionário enviado oficialmente pela igreja e chega ao Brasil pelo Porto de Santos. Stauffer trabalhou primeiramente no Estado de São Paulo nas cidades de Rio Claro e Piracicaba, posteriormente viajou para o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Espírito Santo.

Outro aspecto decisivo para que São Paulo fosse o estado escolhido pelos adventistas, está relacionada com o pré-desenvolvimento da educação protestante no estado. Como vimos, na segunda metade do século XIX estavam sendo estabelecidas algumas escolas protestantes, como o Colégio Internacional de Campinas (1869), uma iniciativa dos imigrantes norte-americanos, George Morton e Edward Lane, que eram reverendos da Igreja Presbiteriana do Sul. Sobre essa questão da presença protestante e suas iniciativas educacionais Maria Lúcia Spedo Hilsdorf Barbanti afirma que:

A presença regular de protestantes americanos na Província de São Paulo, a partir dos anos sessenta, tem suas raízes na vinda de sulistas norte-americanos para o Brasil, por ocasião da derrota da Confederação na Guerra de Secessão, e na ação missionária das denominações protestantes norte-americanas nos territórios da América Latina. Distintos em suas origens, esses movimentos vicejaram entre nós, expressivos, mas paralelos, até o momento em que seus interesses convergiram para as atividades pedagógicas. De fato, foi por intermédio das escolas que fundaram em várias localidades da Província, uns com o objetivo de angariar prosélitos, outros visando a adequada formação escolar de seus filhos, que ambos os grupos pastores e imigrantes não apenas se proporcionaram mutuamente o suporte necessário para o ajustamento às condições de vida num país estrangeiro, como também passaram a influir decisivamente nos quadros culturais da Província de São Paulo. (BARBANTI, 1977, p. 80).

O estabelecimento dessas escolas protestantes no contexto histórico do final do século XIX “se tornou possível em primeiro lugar porque satisfazia às tradições liberais mais caras da Província de São Paulo, (irrestrito apoio à iniciativa particular, defesa do ensino livre, defesa da tolerância religiosa) que encontravam no campo da educação sua expressão maior na Lei nº 54 de 15 de abril de 1868” (HILSDORF, 1986, p. 185). Essas escolas foram se estabelecendo na Província de São Paulo, e foram bem aceitas por vários motivos que são discutidos em dois trabalhos já citados. O primeiro é a dissertação de mestrado da professora Maria Lúcia S. Hilsdorf e o segundo, a tese de doutorado (BARBANTI 1977; HILSDORF, 1986). Esses dois trabalhos trazem importantes contribuições sobre a história da educação protestante no Estado de São Paulo. Entre os motivos que levaram à aceitação e divulgação das escolas de origem protestantes, pode-se destacar o apoio das lideranças progressistas, paulistas liberais e democratas, que apoiavam as escolas americanas de confissão protestante, e muitos desses líderes colocavam seus filhos nessas escolas. Esses estabelecimentos de ensino representavam para a elite paulista progressista a possibilidade de um novo locus, a manifestação e experimentação dos ideários norte-americanos de democracia e liberdade que eram desejo também dos liberais brasileiros. As escolas eram organizadas dentro do padrão americano, sendo um pólo de atração tanto pelos seus aspectos democráticos quanto por aqueles propriamente pedagógicos. (HILSDORF, 1986, p. 186-187).

Esta análise é decorrente das leituras que tenho realizado na tentativa de entender as estratégias de inserção que a IASD lançou mão para se fixar no Brasil e estabelecer uma obra que alcançasse o maior número de pessoas. Pode-se citar como exemplo disso a obra de publicação da Revista Trimensal que teve seu primeiro volume publicado no Rio de Janeiro e depois migrou para a editora situada na cidade de Taquari, no Rio Grande do Sul. Em 1908, com a compra de um terreno no município de São Bernardo, situado no Estado de São Paulo, a igreja estabeleceu uma editora mais moderna e centralizada no estado, o que favoreceu para o aumento de suas publicações. Essa é uma análise feita através do mapeamento das “Revistas Mensal e Trimensal”, mostrando que nesse momento as iniciativas e investimentos da igreja estavam migrando para São Paulo.

É interessante perceber que a IASD inicia uma proposta educacional no Estado de São Paulo quase meio século depois do início das atividades educacionais protestantes no estado. E surge uma proposta bem diferenciada, pois era totalmente proselitista; o fim único do início de suas atividades era a formação de obreiros. Essa é uma diferença que pode ser percebida, por exemplo, com a construção do Colégio Internacional de Campinas que, segundo Bencostta (1999), Morton e Lane tinham os seguintes planos ao construir o referido colégio:

construção de um colégio que pudesse contribuir na formação intelectual dos filhos ilustres da cidade. Com isto teriam eles mais uma forma de ação missionária a serviço do Comitê Executivo de Missões Estrangeiras que, mesmo não sendo um colégio tipicamente a serviço do proselitismo teriam eles a oportunidade de formar brasileiros marcados por uma moral protestante. (BENCOSTTA, 1999, p. 149).

Em outro momento de seu artigo, Bencostta destaca que a proposta educacional do Colégio Internacional era de formar alunos para os exames nas “academias de ensino do Império, como também para as universidades européias e norte-americanas”.

Outras denominações protestantes tinham também finalidades educacionais bem abrangentes como relata Hilsdorf:

os pastores protestantes norte-americanos que tinham vindo ao Brasil para desenvolver trabalho missionário com uma orientação mais pragmática que teológica, empregavam a técnica da evangelização indireta na qual a ação catequética, vinha embutida no bojo das obras sociais, principalmente colégios, tanto como a forma direta, que resulta da difusão da palavra evangélica. Para eles a escola representava a cunha que abria o caminho para as atividades de proselitismo. São representantes dessa orientação o pastor George Chamberlain e o educador Horace M. Lane, da Igreja Presbiteriana do Norte, e o presbítero George Nash Morton, da Igreja Presbiteriana do Sul. A Igreja Batista optara pela evangelização direta, mediante a pregação da palavra de Deus

oralmente ou pela imprensa, enquanto a Metodista do Sul e outros membros da Presbiteriana sulista se utilizavam ambas as técnicas (HILSDORF, 1986, p. 186).

Até este momento procurei mostrar que as escolhas da IASD em migrar com seu sistema de imprensa e a construção de uma escola missionária foram escolhas estratégicas, pensadas e, por isso, houve o tempo de onze anos para a construção do Seminário. A escola missionária de Taquari fechou entre 1903 e 1904. O Estado de São Paulo fez parte de uma estratégia dos organizadores da instituição para dinamizar a obra missionária da igreja no Brasil.

A Construção do Seminário e a sua Localização

O primeiro prospecto anual do Seminário Adventista, que tem como título: “Collegio Missionário da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia” traz a seguinte descrição sobre a localização do terreno que foi comprado da família Teisen:

Situação

Attendo à sua situação aprazível e á salubridade do seu
Clima resolvemos adquirir no districto de Capão Redondo um terreno apropriado para a constucção e installação de uma escola missionária.

Dista o dito terreno cerca de 18 kilometros da cidade de S. Paulo e mais ou menos 7 kilometros da Villa de Santo Amaro, sendo servido por uma estrada de rodagem muito bem conservada. Da cidade de S. Paulo até Santo Amaro o trajecto é feito de bonde gastando-se nelle cerca de 45 minutos, e dahi até o local da escola em vehiculo a tracção animal que faz o percurso proximamente numa hora.

O terreno é constituido de mattas, pastagens e terras de cultura. Das suas eminencias avista-se a Villa de Santo Amaro e também a cidade de S. Paulo.

O ambiente puro e oxigenado de suas collinas e florestas activa sensivelmente os pulmões, purificando o sangue, favorecendo a digestão, numa palavra, dando saude.

A excelente agua potavel fornecida por tres regatos crystalinos que banham essas terras deve ser considerada outrosim mais um factor de saude e preventivo de doencas infecciosas.

A bella perspectiva que dahi se goza e a singular quietude da natureza exercem uma influencia bemfazeja sobre o espirito que, aliado ao estudo da palavra de Deus a contemplação das obras

divinas, irresistivelmente é atraído para o seu Criador (PROSPECTO ANNUAL 1916/1917, P. 03-04)

As atividades do Seminário Adventista, no Estado de São Paulo, tiveram início em uma quinta-feira, no dia 6 de maio de 1915. O casal de missionários norte-americanos John e Augusta Boehn entrou na propriedade com mais cinco rapazes e uma moça. No dia 02 de agosto do mesmo ano foi lançada a pedra fundamental do primeiro edifício da escola missionária. Essa foi uma cerimônia religiosa em que o grupo de missionários e poucos alunos entoaram cânticos religiosos, discursos de agradecimento, ofertas e doações dos membros da igreja, e orações pedindo a Deus que continuasse a abençoar e dar condições para que esse projeto de uma escola missionária fosse bem sucedido.

Sob o ponto de vista de Hosokawa (2005), a consolidação do Colégio Adventista nas proximidades da cidade de São Paulo ocorreu em um momento de profundas transformações econômicas, sociais e políticas desencadeadas pela crescente urbanização e modernização no entorno da instituição que estava também em pleno processo de desenvolvimento e consolidação.

A política de nacionalização da educação brasileira, sendo mais intensificada a partir de 1930 durante o governo Vargas, representou um sério desafio aos líderes adventistas, devido à nacionalização compulsória que exigiu do Colégio Adventista Brasileiro (CAB), algumas adaptações em seu projeto educacional, como a substituição de diretores estrangeiros, por diretores brasileiros, começando com o pastor Domingos Peixoto da Silva, primeiro diretor brasileiro e aluno da primeira turma formada pelo Seminário Adventista em 1922 (HOSOKAWA, 2005).

O Colégio Adventista foi construído para formar missionários brasileiros, para que estes pudessem trabalhar no desenvolvimento da obra no Brasil; então a instituição oferecia curso de formação missionária adventista, e o sistema de internato misto, curso ginásial que foi reconhecido no ano de 1937. Nessa ocasião, com a oficialização e o reconhecimento do ensino ginásial pela legislação brasileira, cresceu muito o número de alunos internos e externos, chegando ao número de 200 alunos matriculados.

Considerações Finais

A pesquisa contextualizou o Seminário e a Igreja Adventista dentro do chamado Protestantismo Histórico Norte-Americano. Destacando as iniciativas pioneiras das Igrejas Metodistas, Presbiterianas e Batistas no campo da construção de igrejas e na educação em terras brasileiras.

O Seminário foi apresentado ao longo dos seus e sua história de 98 anos, localizando a instituição educativa dentro dos princípios doutrinários da Igreja Adventista. Contextualizei a história da igreja dentro do movimento do segundo advento, que surgiu nos Estados Unidos da América em meados do século XIX. Movimento esse em que se acreditava em um breve retorno de Cristo à terra, entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Como não houve o retorno de Cristo na data prevista, vários movimentos continuaram a estabelecer novas datas e crenças e destes movimentos surge

a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta instituição religiosa concluiu seu processo de organização em 1863 em Bettlet Creek, Michigan, nos Estados Unidos.

No momento em que a IASD estava se organizando, as Igrejas Protestantes já estavam em amplo processo de expansão missionária, de construção de igrejas e escolas no Brasil. A Igreja Adventista começou esse processo missionário bem mais tarde, já no final do século XIX e início do século XX.

O início da obra adventista no Brasil foi na região Sul do país, onde ocorrem tentativas frustradas de construção de dois Colégios de Missão. O Seminário Adventista tem início em 1915 e é chamado de “Collegio Missionário da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Sétimo”, com a compra de um terreno distante 18 km da cidade de São Paulo e mais ou menos a 7 km da Vila de Santo Amaro. Começando assim a história de uma instituição que terá uma grande importância na formação de obreiros no Brasil e na fixação do sistema educacional adventista no Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU, Geysa S. *Escola América de Curitiba (1892-1934): um estudo do americanismo na cultura escolar*. (Dissertação de Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: IBGE, 1943.

_____. *Educação e educadores*. Anhambi, setembro de 1953, p. 25-38.

BARBANTI, Maria L. S. H. *Escolas americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens*. Dissertação (mestrado), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1977. 228p.

BENCOSTTA, M. L. A. *Educação Escolar Norte-americana no Brasil do Século XIX. Trajetórias históricas de um Colégio Protestante em São Paulo (1869-1892)*. In: *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)* / Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do Nascimento. Campinas, SP. Editora da Unicamp. Centro de Memória – Unicamp. 1999.

CHAMON, C. S. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. Belo Horizonte: Fae, 2005. 338 p.

GONÇALVES, G. Nogueira; WARDE, M. J. Antônio Caetano de Campos. In: FAVERO, M. L. A.; BRITO, J. M. (org.) *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 35-44 e 643-650.

HILSDORF, M. L. S. *Francisco Rangel Pestana jornalista, político, educador*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1986. 343 p.

HILSDORF, M. L. S. A série “Ofício Diversos” do arquivo do Estado de São Paulo como fonte para a História da Educação Brasileira. In: *A memória e a sombra – a escola*

brasileira entre o Império e a República. (org.) VIDAL, D.G. e CORTEZ, M. C. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

HOSOKAWA, H. *Da Colina Rumo ao Mar: O Colégio Adventista Brasileiro em Santo Amaro (1915-1947)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP/FFLCH, 2001.

HOSOKAWA, Elder. *UNASP: 90 anos ensinando*. 2005, mimeo.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 1963.

MAGALHÃES, Justino. *Breve apontamento para a história das instituições educativas*. In: SANFELECE, José Luís; SAVLANI, Dermeval; LOMBARBI, José Claudinei (org.) *História da educação: perspectiva para um intercâmbio internacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados/HISTEDBR, 1999.

MENDONÇA, Antônio G. *O celeste por vir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. *Protestantismo no Brasil, apontamentos sobre sua contribuição para a cultura brasileira*. 2004, mimeo.

MESQUITA, Peri. Educação protestante de origem norte-americana na comunidade alemã de Curitiba no final do século XIX: Ellen White, a língua alemã e a Escola Internacional. In.: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep*. Ano 12. Número 01. p.i – f. junho de 2005.

_____. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

NASCIMENTO, Êster F. Vilas-Bôas C. A. *A Escola Americana: origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGE, 2004.

_____. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. *Revista RBHE*, São Paulo, n.2, p. 9-38, 2002.

OLIVEIRA FILHO, José J. *A obra e a mensagem: representações simbólicas e organização burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia*. 1972. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade, um estudo de Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RODRIGUES, José Carlos. *Religiões Acatólicas*. Separata do Livro do Centenário de 1900. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1904.

SCHUNEMANN, H. E. S. O desenvolvimento das escolas paroquiais adventistas no Brasil. In.: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep*. Ano 12. Número 01. p.i – f. junho de 2005.

SILVA, Marcos. *Pedagogia Adventista, Modernidade e Pós-Modernidade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNIMEP, Piracicaba – São Paulo. 2001. 184 p.

PEREIRA, E. S. *Governo eclesiástico: a burocracia representativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Universidade Metodista de São Bernardo. 1988

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira: aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

WALTING, Eunice L. *Metodologia da educação religiosa Adventista: idealidade e realidade*. São Paulo: Memória, Fundação Escola de Sociologia e Política, 1979.

WARDE, M. J. O itinerário de formação de Lourenço Filho por Descomparação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 05, p. 124-167, jan/jun. 2003.

WILLEMS, Emílio. *A cultura dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

Referências Eclesiásticas

BORGES, Michelson. *A chegada do adventismo no Brasil*. Tatuí: CPB, 2000.

KNIGHT, George R. *Uma Igreja mundial*. Tatuí: CPB, 2000.

KNIGHT, G. R. Oberlin College e as reformas educacionais adventistas. In.: *A Educação Adventista no Brasil: Uma história de aventuras e milagres*. Organizador: Alberto R. Timm. Engenheiro Coelho – S. P. UNASPRESS/Centro Universitário Adventista de São Paulo. 2004.

SPALDING, A. W. *Irmã White*. Tatuí – S.P. Casa Publicadora Brasileira, 1999.

TIMM, A. R. *A Educação adventista no Brasil: Uma história de Aventuras e Milagres*. Engenheiro Coelho – S.P. UNASPRESS. 2004.

VIEIRA, Ruy C. C. *Centenário da educação Adventista 1896-1996: destacando a contribuição de um pioneiro*. São Paulo: Gráfica da UNISA, 1996.

VIEIRA, Ruy C. C. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.: raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. Tatuí: CPB, 1995.

WHITE, E. G. *Primeiros Escritos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 1967.

_____. *Conselhos para Pais, Professores e Estudante*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1947

_____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. *Orientação da Criança*. Casa Publicadora Brasileira, 1993)

FONTES:

Prospectos Anuais:

Collegio Missionário da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia 1916/1917; Seminário da Conferencia União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia 1918 – 1919; *Quarto Prospecto Annual do Seminário Adventista*, 1919; *Quinto Prospecto Annual do Seminário Adventista*, 1920; *Sexto Prospecto Annual do Seminário Adventista*, 1921; *Oitavo Prospecto Annual do Collegio Adventista*, 1923; *Prospecto Annual do Collegio adventista*, 1926; *Prospecto Provisório do Collegio Adventista*, 1928; *Prospecto Annual do Collegio Adventista*, 1929; *Prospecto Annual do Collegio Adventista*, 1930; *Prospecto Annual do Seminário Adventista*, 1940.

Revistas:

Revista Mensal. Estação São Bernardo, SP; mar. 1915;

Revista Mensal. Estação São Bernardo, SP; out. 1915;

Revista Mensal. Estação São Bernardo, SP; jul. 1916;

Revista Mensal. Estação São Bernardo, SP; ago. 1916;

Revista Mensal. Estação São Bernardo, SP; fev. 1919.